

# TOMBA A LIVE

À Biblioteca Pública de

1  
ABRIL  
1972

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: António Narciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR—TELEF. 62113 — AMARES

## Tombou um dos mais notáveis homens do País

5.ª COLUNA

### Perda irreparável para o Distrito a morte do Sr. Comendador Santos da Cunha, seu Governador Civil

Ao amanhecer do passado domingo o concelho de Amares acordou alarmado pela notícia do falecimento do sr. Comendador António Maria Santos da Cunha, ilustre Governador do Distrito, dada logo na primeira missa pelo nosso Rev. pároco Padre Albino Alves, amigo íntimo do falecido, que logo após o desenlace foi avisado pela família.

Enquanto as bandeiras eram colocadas a meia haste as pessoas formavam grupos a interrogarem-se surpreendidas. Em cada amarense o falecido encontrava um admirador e um amigo que a sua personalidade ímpar havia criado com o seu feito comunicativo e prestável e com o seu dinamismo sem par.

Ainda há oito dias havia estado nesta Vila com o Senhor Secretário de Estado da Agricultura interessando-se por um melhoramento da maior projecção local.

Falar sobre o ilustre extinto é repetir uma série de argumentos que toda a gente conhece em toda a sua amplitude e foram já lançados ao éter pelos mais variados órgãos da informação.

A sua figura tornou-se familiar, os seus actos de domínio público, as suas obras estão de tal maneira à vista que ninguém desconhecia o reedificador da cidade de Braga, o impulsionador do Distrito. Em toda a parte, em cada instituição e em cada obra estava o seu nome ligado ao impulso.

Vejamos, como exemplo, o que se verificou com o nosso Concelho, que é espelho de quanto se passou por todo o Distrito. Foi o seu prestígio que nos deu o Ciclo Preparatório e conseguiu as participações imediatas, foi ele quem arranhou as ajudas sucessivas para que se erguesse o Hospital e o Centro de Saúde, deve-se-lhe inteiramente o ter tirado o caso do Palácio da Justiça do sono em que dormia e que ele ia levar à construção apesar dos actos perniciosos de um ou dois que continuam a criar um clima que pode ser motivo para o retrocesso.

Sempre pronto a ajudar a constituição da Cooperativa Agrícola de Amares devem-se-lhe actos decisivos de impulso que culminaram com a vinda ao local no domingo anterior acompanhado pelo sr. Se-

cretário de Estado da Agricultura. Já vergado ao peso da doença que o vitimou e para a qual lhe solicitamos cuidados, no momento em que, também a nós, nos recomendava cautelas, por verificar um abatimento originado pelos mesmos padecimentos.

O seu prestígio dentro do próprio Governo trazia para o Distrito benefícios sem conta. As recentes visitas que nos foram feitas pelos Senhores Ministros das Obras Públicas e da Saúde e Assistência são disso uma nota bem precisa. O carinho posto nas suas solicitações trouxeram logo as maiores ajudas que continuaram a multiplicar-se conforme chegam os resultados. Ainda esta semana recebemos a notícia que estão participadas as obras de aformoseamento do Largo do Doutor Oliveira Salazar e da Avenida de Cintura da Vila, obras da maior projecção e futuro.

Para ele não havia burocracias nem peias. A indecisão e a dúvida não moravam naquele cérebro privilegiado.

As manifestações de pesar foram de uma grandeza nunca vista entre nós e o cortejo fúnebre talvez a maior manifestação do género feita no País, quanto a participação do povo, aquele povo que o considerava como igual a si e o amava enternecidamente.

Morreu o maior filho de Braga deste século e o homem que mais a amou e a desenvolveu em toda a sua secular existência. Mas Braga compreendeu-o e soube prestar-lhe a última homenagem. A cidade esteve à altura do Homem.

Bem merecia poder levantar-se por momentos da urna e de lugar alto da Avenida, em que tantas vezes falou à cidade, presenciar num minuto aquele cortejo imponente que tudo enchia e onde o choravam os maiores do País e todos os da sua cidade.

De Lisboa deslocou-se pro-

positadamente para assistir ao funeral o sr. Presidente do Conselho, sr. dr. Marcello Caetano. Gesto de alto significado a demonstrar a estima em que tinha o falecido Governador Civil, seu amigo pessoal.

A cidade saberá guardar no seu íntimo a grandeza deste acto que lhe despertará a mais

profunda gratidão.

Estamos todos de luto. Acompanhemos a distinta e amantíssima esposa e a ilustre família numa prece ao Senhor Deus do Universo para que a sua alma descanse em paz no lugar reservado aos homens de boa vontade.

João Macedo

## P Á S C O A

José de Arimateia, membro do Grande Conselho Judaico, foi secretamente discípulo de Jesus, assim como Nicodemos igualmente conselheiro daquele arcótipo. Dele diz Lucas (XXII: 50, 51)

«E eis que um varão por nome José, que era senador, homem bom e justo, que não havia consentido nem do Conselho, em da obra dos outros, de Arimateia, cidade da Judea...»

S. Lucas reconhece-o bom e justo, não aprovando o veredicto de Sanhedrin, a condenar Jesus. Porque, na noite da crucificação, José de Arimateia dirigiu-se a Pilatos e rogou-lhe o corpo de Cristo. Este, certificando-se da verdadeira morte de Jesus, entregou-lhe o corpo, permitindo que o retirassem do campo do martírio. Foi Nicodemos e José, com auxílio de Maria Madalena que o transportaram para um jardim onde já estava preparado sepultura em rocha. Lavaram-no, incensaram-no e depois de o envolverem em lençol de linho, ali o deixaram sob pedra de grandes dimensões.

Ao alvorecer encontrou-se a pedra retirada e o corpo de Jesus evolara-se.

Eis a Ressurreição!

A pedra afastada representa a luz da imortalidade no mundo espiritual da crença e do mistério!

Tudo isto nos veio ao

pensamento, nesta véspera de Páscoa, onde a alma se imiscui no mais recôndito do Homem. E esse augusto mistério que transcende o justo equilíbrio da Humanidade também nos atrai para as concepções temporais da universalidade. Por isso nos aventuramos a passear o nosso espírito pela materialidade permanente em que vivemos, reparando na diferenciação entre o sacrosanto sacrifício de Jesus e dos seus discípulos e a displicente maneira como a dois mil anos de distância outros tantos discípulos se penitenciam perante o doce sorriso de Cristo.

É que o Sumo Pontífice ergue um novo testemunho de consciência cristã, oferecendo a aposentação nas vésperas da Páscoa aos que servem o Estado do Vaticano. Gesto belo e sedutor, desencantado, porém, pelo temporal seguimento da Lei de todos os países. Aos sessenta e cinco anos todo e qualquer funcionário do Vaticano será engrinaldado com a aposentação.

Se pensarmos que o índice de vida (demonstrado científico—estatisticamente) se mantem em 72 anos, verifica-se que o próprio Papa entende ser dignificante sete anos antes conceder ao indivíduo 2555 dias de descanso,

(Continua na 4.ª página)

Pondo-se um homem a cogitar datas e acontecimentos que lhe marcaram a vida e a vida dos povos fica impressionado com tanta confusão. Kung-Fu-Teseu, o chamado Confúcio, celebre filósofo chinês, fundador, de 479 a 551 A. C., de uma religião baseada na morale e no ideal elevadíssimo da família e da tradição nacional traz-nos à mente que «Confusão» virá de Confúcio. Não é verdade! Mas podia ser...

Ora o meu Leitor imagine que nas vésperas da Páscoa deste ano, se encerraram os balanços das grandes, das pequenas e das pequeníssimas empresas com as margens de lucro ou de prejuízo que aqueles apresentem. Por dentro da tal confusão a que me refiro e que me assalta, a leitura dos respectivos relatórios e contas redonda num temor incrível da minha capacidade. E não é preciso ser sumidade para ler-se um relatório e contas. Primeiro é preciso saber ler, claro, e segundo procurar na conta «Lucros e Perdas» a cifra que ali está escriturada. Mais nada!

Pois um relatório duma companhia de seguros deste ano, saído nos jornais, em vésperas da Páscoa, confunde o mais pintado em Economia, confundindo o próprio Confúcio se fosse vivo. O referido relatório diz que o seguro em Portugal tem aumentado, até na medida em que a produção dessa Companhia subiu a cerca de 30 mil contos durante o ano de 1971. Mas não é aí que há queixas de administração sobre o magro lucro que a Companhia produziu, o que quer dizer o seguro. O que fez com que aquele magro lucro se verificasse no fim do ano, foi a actualização contrato colectivo do trapalho—naturalmente dada a exigência do aumento dos vencimentos ao pessoal de seguros. O sublinhado é meu, Leitor...

E veja lá, o meu Leitor, que rico foliar de Páscoa a companhia ofereceu aos seus empregados, exactamente na véspera do sacrifício de Jesus pelos homens de boa vontade.

Mas que boa vontade não acha, Leitor?

EME ABRIL



# BRINCAR COM O FOGO

Mil dedos foram amputados, na noite de passagem do ano, em Itália, porque gente imprudente e impulsiva brinca com o fogo, melhor dizendo, com peças de pirotecnia. A despeito de aviso das autoridades, de severas disposições da lei, de uma activa campanha de prevenções contra os perigos que essa costumbre provoca, muitas pessoas insistiram nesse autêntico vício de mentalidade.

Resultado: mil dedos esfacelados e cortados, além de trinta e tantas criaturas cegas dos dois olhos e algumas centenas de queimaduras de maior e menor gravidade! Acresce que, dos acidentes levemente provocados, resultaram vítimas inocentes (crianças sobretudo) atingidas por faúlhas. Houve ainda casas incendiadas, um auto-tanque carregado de gasolina, ameaçado de explosão.

Entretanto, em França, na Alemanha, em Espanha, em Inglaterra—e mesmo entre nós—muitos dos que pretendiam entrar o ano em descuidadas velocidades, ficaram para sempre estendidos no asfalto, quebrados como bonecos de pasta, no meio dos destroços dos rápidos carros, cuja força lhes sugeria uma falsa impressão de poderio. Parecia-lhes dominar tudo e todos, lançados nas correrias, embriagados pela Festa da noite e pela

velocidade. Num abrir e fechar de olhos, a euforia transformou-se em morte. O suposto domínio das circunstâncias converteu-se em aniquilamento irreversível!

Os dois factos sugerem muitas e diversas considerações—todas convergentes para uma conclusão. Num lado, vemos que deu, mais uma vez, a mania de «brincar com o fogo»; no outro, verificamos como é suicida a tendência para o culto da velocidade—o gosto geralmente leviano de se ir depressa demais... O fogo, conquista do Homem, torna-se repentinamente seu verdugo; a velocidade, servidora de progresso, quando moderada e orientada por quem saiba dispôr dela, converteu-se em meio de destruição!

Os do lume, quando quiseram libertar-se do fascínio, tinham os olhos vasados ou

as mãos mutiladas; os da rapidez embriagadora, quando faziam menção de travar, galgaram as fronteiras da morte. Para uns e para outros, já não há remédio.

Convém, por vezes, à luz destes episódios trágicos, lembrar meia dúzia de verdades que chamados «novos tempos» não alteram. *Sempre será perigoso brincar com o fogo e alimentar a fugaz ilusão de dominar circunstâncias que, num segundo, podem tritutar quem se meta nas suas engrenagens...*

Já os gregos, há milhares de anos, sabiam isto. Mas há, hoje ainda, quem o ignore. Ou queira ignorar...

A. M.

**Telefone dos Bombeiros de Amares — 6 2 1 6 2**

## Telefones para serviços DE URGÊNCIA



Casa de Saúde de Amares	62122
Farmácia Pinheiro Manso	62127
Guarda Nacional Republicana	62115
Farmácia Marques Rêgo	62121
Doutor Eduardo Gonçalves (Médico)	62145
Doutor José Fernandes Médico Amares	62122
Doutor João de Sousa Fernandes (Médico) B. S.M.ta	62163

## «A RIVAL» — CASA DE PASTO DE ERNESTO VIEIRA

Telefone 62247

Especialidade em:

**Frango assado — Papas de sarrabulho e Cabrito assado**

(Rancho às segundas-feiras)

**Todos os dias refeições económicas**

Esmerado serviço em:

**Casamentos e Baptizados, servido c/ os melhores vinhos da Região.**

Para bem servir, só «A RIVAL»

Rua Marques Rego

F. Nova — Amares

## Visado pela C. de Censura



**RELOJOARIA MAURÍCIO QUEIROZ**

CASA FUNDADA EM 1930

Oficina completa de reparações de relógios de todo o género

completo sortido de relógios das melhores marcas

R. D. Frei Caetano Brandão—Telef. 22526—BRAGA

# CALAFRIO

(Continuado do número anterior)

que ela lhe perdoara de muito mais bom grado do que a mim me era permitido fazê-lo depois de ouvir a história que ela acabava de me contar. Compreendi que assim era quando ela me deixou à porta da sala de estudo:

«Estou certa de que o não vai acusar...

—De continuar a manter umas relações que me esconde? Ah, pode estar certa, não acusarei ninguém até novas provas.» Depois, antes de fechar a porta, para que ela seguisse por outro corredor para os seus aposentos: «Devo aguardar,» concluí.

## CAPÍTULO IX

ESPEREI, esperei, e os dias, conforme iam, correndo assim levavam consigo algo da minha própria consternação. De facto, poucos foram precisos, passados vigiando constantemente os meus pupilos, sem qualquer novo incidente, para eu sentir que uma espécie de esponja tinha passado por sobre aquelas penosas imagens e até por sobre aquelas odiosas recordações. Disse atrás que uma coisa que eu poderia activamente cultivar era render-me às extraordinária traquinices dos meus pupilos; imagine-se, então, se eu me descuidaria agora de beneficiar desta fonte em tudo aquilo em que ela me pudesse ser útil. Mais estranho do que me é dado exprimi-lo era, decerto, o esforço que eu fazia para lutar contra as coisas novas que sabia: se não fôsse, porém, o frequência com que eu lograva êxitos neste capítulo, maior seria ainda, contudo, a tensão em que vivia. A mim própria costumava perguntar se seria possível que os meus pupilos não desconfiassem de que eu pensasse estranhas coisas a seu respeito; e a circunstância de que estas coisas os tornavam mais interessantes não era só uma boa ajuda para torná-los inconscientes. Tremia, desconfiada que eles pudessem compreender serem assim imensamente mais interessantes. Vendo as coisas cada vez pior, de toda a maneira, como eu tantas vezes fiz em momentos de cogitação, qualquer obscurecimento da inocência dêle, apenas poderia constituir—inocentes e predestinados como eram—mais uma razão para eu correr o risco. Havia

ocasiões em que, movida por um irresistível impulso, me surpreendia a mim própria com eles agarrados e apertados contra o coração. Quando assim acontecia, costumava dizer de mim para mim: «Que pensarão eles disto? Não será trair-me demais?» Teria sido fácil entrar numa triste e agreste complicação acerca de quanto eu me poderia denunciar; mas eu sentia que o verdadeiro cálculo que me era dado estabelecer acerca das horas de paz que ainda podia vir a gozar me levava a reflectir que o encanto presente dos meus companheiros representava um entretenimento ainda efectivo, mesmo, até, à sombra da possibilidade de poder ser estudado. Pois, se me ocorria poder casualmente levantar suspeitas pelas pequenas exteriorizações da minha profunda paixão por eles, é que me perguntava também a mim própria se não poderia ver certa extravagância no claro aumento das suas próprias demonstrações pessoais.

Eles eram então extravagante e extraordinariamente meus amigos; o que, finalmente, acabei por concluir, não era mais, que uma graciosa retribuição própria de crianças que passavam a vida vigiadas e acarinhadas. Eram tão abundantemente bem sucedidos nestas homenagens que nunca se me afigurava, por assim dizer, apanhá-los a fazer tais coisas literalmente de propósito. Penso que eles nunca se tinham lembrado antes de fazer tantas coisas pela sua pobre protectora. Quero dizer—se bem que eles cada vez fôsem melhor nas suas lições, o que devia ser, é claro, aquilo que mais me satisfazia—nunca se tinham lembrado antes de fazer tantas coisas com a intenção de me divertirem, entreterem e causarem surpresas; lendo-me trechos, contando-me histórias, propondo-me charadas, escondendo-se para me surpreenderem, disfarçando-se de animais ou figuras históricas e, principalmente, fazendo-me surpresas com «composições» que aprendiam de cor, em segredo, e se ficavam a recitar interminavelmente. Nunca alcançariam—foi por mais que o quisesse, mesmo agora—dos prodigiosos comentários particulares, tudo sob uma ainda maior vigilância particular, com a qual, nesses dias, eu ultrapassava o tempo das nossas aulas. Tinham-se mostrado, logo desde princípio, uma grande facilidade para tudo, um talento geral, o qual, bastante vigoroso de começo se extinguia com apreciável rapidez.

Cunpiam as suas pequenas obrigações, como se realmente as apreciassem, e favorecidos, graças à simples exuberância dos seus dons, pelos mais extraordinários recursos da memória. Não só me apareciam como tigres e romanos, mas também disfarçados em heróis de Shakespeare, em astrónomos e navegadores. Tudo isto era tão singular que muito tem que ver, provavelmente, com o facto para que eu ainda hoje mesmo continuo sem explicação: refiro-me à minha

(Continua no próximo número)



# TRIBUNA do CONCELHO

## Notícias do Concelho

A lama do chão que o povo pisava e a chuva impenente que caiu no domingo quando se realizou a procissão de Passos que saiu do mosteiro para a Capela, não foi sentida pelos milhares de almas que mais uma vez e há séculos recalca essa terra que é ali como em toda a parte do mundo o soalho firme que nos espreita á espera da nossa hora de redenção.

É debaixo desse espaço bloco que nos unimos para nos conhecermos separados de uma matéria que nos condenou.

Velhos e novos tiveram nesse momento uma abertura de consciência para melhor se poderem julgar. As numerosas crianças, mal doutrinadas por falta de tempo ou de ignorância paterna, lá estavam encantados com as figuras decorativas esperando um dia encontrar um Céu cheio de figuras que formam o corpo celeste como as estrélas a aluminar o firmamento.

Que essa lição vai de encontro às necessidades presentes de todas as pessoas de qualquer idade é um facto incontestável, mas não é possível com tão largos lapsos evitar o esquecimento de uma doutrina que só é sentida quando os quadros mostram o dramático quadro dos mártires sofridos pelo Martir de Golgota dos quais não nos podemos divorciar porque a todos está reservada uma Cruz e é preciso que as lágrimas derramadas pela assistência quando a Mãe Celeste se encontrou com o seu divino Filho, tiveram grande significado sempre não foram esses os primeiros por muitos sentidos nos momentos em que só o filho de Deus está presente. O que se viu e comoveu é o quadro diário em muitos leitos que não deve ser esquecido por quem teve a felicidade de assistir á procissão.

### Aniversário

Só uma vez por ano é que o Senhor António da Rocha Abreu sente os efeitos do sacrifício feito toda a vida para criar e arrumar 14 filhos, 7 de cada sexo, na companhia da sua esposa Senhora D. Maria da Conceição Gomes. É sempre no dia 28 de Março porque a sua esposa muito conhecida pela semarquinhas Citra, faz anos nessa data e vê diante de si essa honrada prole que trabalha em vários modos de vida a acarinha-la e a pedir a Deus pela conservação da sua vida até, pelo menos, que os 40 netos possam, das suas virtu-

des de família tirar algum proveito.

O número de pessoas reunidas chegou para festejar alegremente essa data que a Tribuna respeita com agrado por ser lida por algumas filhas que assinam esse mensageiro de felicidade os seus assinantes, e pede a Deus que o sexagésimo sexto aniversário dessa senhora se repita muitíssimas vezes.

Elísio Gonçalves

### O novo regedor de Barreiros é o Senhor António de Sousa

Pelo Sr. Presidente da Câmara foi dado posse de Regedor da Freguesia de Barreiros ao Senhor António de Sousa, funcionário de Previdência desta Vila, residente e natural daquela freguesia.

Escolha acertadíssima, pois trata-se de chefe de família exemplar, cumpridor íntegro dos seus deveres profissionais e políticos e conhecedor total de todas as necessidades e virtudes da freguesia.

Respeitado e respeitado no Concelho aonde é muito conhecido e estimado, muito irá beneficiar a sua terra com esta nomeação.

Parabéns a Barreiros e á alta visão do Senhor Presidente da Câmara.

### Condições de Assinatura

Continente		
Ano . . . . .	50\$00	
Semestre . . . . .	25\$00	

Ilhas		
Avião—ano . . . . .	150\$00	
Semestre . . . . .	75\$00	
Barco—ano . . . . .	60\$00	
Semestre . . . . .	30\$00	

Brasil		
Avião—ano . . . . .	180\$00	
Semestre . . . . .	90\$00	
Barco—ano . . . . .	80\$00	
Semestre . . . . .	40\$00	

Estrangeiro e Províncias Ultramarinas		
Avião—ano . . . . .	180\$00	
Semestre . . . . .	90\$00	
Barco—ano . . . . .	80\$00	
Semestre . . . . .	40\$00	

**Telefone dos Bombeiros V. de Amares**  
6 2 1 6 2

## Vida elegante

### Aniversários

#### Fazem anos:

Hoje, dia 1, o menino Francisco Aurélio Santos Maia e o sr. Carlos Vieira, industrial de serralharia.

No dia 3 o sr. Octávio Pereira Machado, distinto Chefe de Finanças.

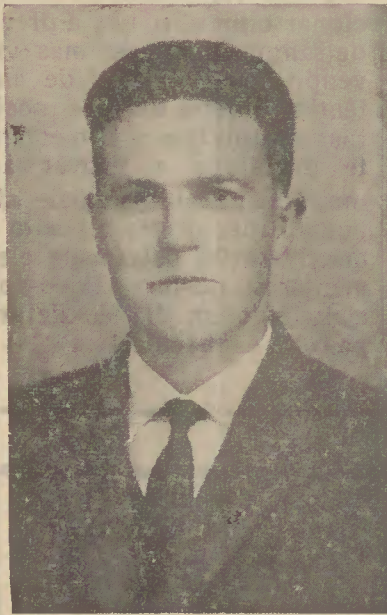
No dia 4 o sr. Candido Alberto Pinheiro e a sra. Florinda Rosa Ferreira Ribeiro.

No dia 6 o menino Maurício Alves Gonçalves, filho do nosso assinante sr. Agostinho F. Gonçalves, residentes em França.

No dia 7 o sr. Carlos Alberto Almeida Barbosa de Macedo e a sra. D. Mariana Batista Ribeiro, esposa do sr. Horácio Ribeiro, residentes no Barreiro.

### Aniversário

Segunda-feira, dia 3, passa mais um aniversário natalício o nosso assinante e particular amigo sr. José Cunha, residente com sua esposa em França.



Por tão alegre data desejamos-lhe que passe um aniversário muito feliz e que esta data se repita por muitos anos junto de sua querida esposa.

### TRIBUNA LIVRE

A Redacção deste «Semanário» pede a todos os ilustres colaboradores o favor de enviarem as suas notícias e artigos até á quarta-feira.

A Redacção

## Poemas da Festa da Páscoa

I

Aleluia! Aleluia! Aleluia!  
Páscoa da Ressurreição  
O Povo Cristão rejubila  
Da antiga tradição.

II

Na Páscoa não há distinção  
Entre o rico e o pobre  
A todos Ele visita  
Plebeu, modesto ou nobre

III

A Campanha do compasso  
Toca... Toca... Chama a atenção  
De que vai entrar Jesus  
Dando-nos o seu perdão!

IV

Reparei ali meus irmãos  
O Padre Albino sorridente  
Dedicando seu amor  
A toda esta Santa gente.

V

Vamos pedir ao Senhor,  
E Senhora do Sameiro.  
Que acabe com a guerra  
No Ultramar e Mundo inteiro

Alberto Pais Moreira  
Leitor e colaborador  
de Tribuna Livre

## Páscoa

(Continuado da 1.ª página)

após uma vida de trabalho.

Outrossim levamos o nosso espírito até à Ilha de Greta, onde um arcebispo como presidente dum governo regista uma divisionária contenda de que é bastião, podendo deduzir-se movimento subversivo na sua caracterizada observância.

Cristo ressuscitou, não há dúvida, para dizer aos homens que a sua hegemonia se manteria e mantem-se, só diferenciada pelo munus edificante da clássica matéria do mundo que habitamos.

PÁSCOA!—Ressureição de Senhor! Ingénio sacrifício de pesada tarefa que nos acalenta ainda, por felicidade, dois mil anos após.

Militão Porto

## Falecimento

Na passada quarta-feira, dia 28, faleceu em Paredes Secas a Senhora D. Costódia Maria da Silva, viúva, de 85 anos de idade.

A extinta era mãe do nosso dedicado assinante sr. José da Silva Fernandes, enfermeiro no Hospital de S. Marcos em Braga, António José da Silva Fernandes, ausente em França, Manuel da Silva, residente em Bouro e Maria da Conceição da Silva residente em Paredes Secas.

TRIBUNA LIVRE apresenta a toda a família em luto sentidos condolências.

## Inauguração da luz eléctrica Futebol Internacional

Campo, Luís Calheiros de Abreu



Hoje — às 21,30 F. C. do Porto e Sevilha S. C.  
Todos ao Campo de Jogos



# D R O G A

«Quem diria que neste cantinho da Europa, à beira-mar plantado, onde a liamba não cresce por geração espontânea e onde só se ouvia falar de haxixe e LSD pelo noticiário internacional dos jornais, também há, afinal, quem fume às escondidas o seu cigarrito proibido ou quem procure evadir-se deste mundo de agruras graças à sua pitada de alucinogénios? — Assim comentava o «Século Ilustrado» de 4/3/72 ao analisar pormenorizadamente um assunto da mais candente actualidade. Com efeito, chega-nos a causar verdadeiro espanto a notícia de que entre nós o «mal» já se vai alastrando, e de que maneira!...

Não sou muito adepto dos boatos ou novas sensacionalistas, mas segundo o que há tempos bafejava, por aí, ali p'ros lados de Coimbra, mais propriamente «às portas da Universidade», já os comprimidos pululavam e o fumo da marijuana provocava certas constipações...

Desta vez porém, e dando crédito aos mais diversos órgãos de informação tudo se aclarou de modo a não suscitar quaisquer dúvidas, como o provam as diligências levadas a cabo pela polícia judiciária... Segundo consta, o valor da droga apreendida cifra-se em cerca de 700 Contos (o que não sendo muito se atendermos às fabulosas fortunas dos traficantes e consumidores inveterados, não deixa, todavia, de ser bem significativo...)

Vilar de Mouros e o festival de música «pop» ali realizado por alturas de Setembro passado, foi o rastilho propício para o atear da fogueira que há muito se adiviahava... Depois, bem, depois foi o alastrar de toda uma autêntica comercialização secreta e clandestina cujos pontos se situavam lá para o Sul, mais propriamente no Algarve e na zona de Lisboa, passando por Albufeira e Nazaré.

Como se verifica, não é só «pelas Américas», que os viciados da droga se deitaram na «dolce vita...» Infelizmente, o «fruto proibido» não conhece fronteiras, estendendo-se por toda a parte, qual pavoroso incêndio que tudo destrói e aniquila!...

O problema da droga é tremendamente complexo, disso não tenhamos dúvida. Fruto de uma época toda ela virada para um descarado materialismo em que os sentimentos de dignidade e honradez nem sempre têm lugar, o jovem de hoje parece apostado em querer provar ao mundo que a felicidade desta vida não passa de uma contínea e desoladora frustração. Sedento de novas e fantásticas emoções que lhe

quebrem o tédio e a monotonia de um ambiente já de si tão vazio e depauperado, só lhe resta amesquinhar o corpo e o espírito em belezas fictícias; em gonsos psicadélicos...

O jovem actual está saturado de tudo: da miséria, das injustiças sociais, do sofrimento, do prazer, do que lhe agrada e do que lhe não agrada... Enfim, de uma vida que se lhe apresenta cada vez mais enigmática e paradoxal. Natural, por conseguinte, toda esta «euforia» todo este descalabro, toda esta ância de novidade e estranhas sensações... Por outro lado, também não podemos olvidar que «as condições de vida no mundo moderno explicam (ou pelo menos permitem compreender) que milhões de jovens em todo o mundo prefiram correr alguns perigos a enfrentarem o mecanismo desumanizante das sociedades actuais. Mas quantos o fariam, se tivessem pleno conhecimento das suas consequências a curto ou longo prazo?» E ao falar de consequências, não resisto à tentação de recordar o que ainda há bém poucos dias se podia ler num vespertino da capital: uma criança recém-nascida e sem braços era a triste herança de um pobre casal, cuja mãe havia ingerido determinada droga nos primeiros meses de gravidez! Isto aconteceu, algures na Austrália, como aliás, poderia ter acontecido em quaisquer outra parte do mundo onde a palavra *responsabilidade* só «cabidela» nos dicionários... E poderíamos ir mais longe na citação de casos concretos, mas de modo algum é nossa intenção vir para aqui assustar toda a gente...

Entretanto, é justo e necessário que numa época em

que tando se fala de diálogo e abertura se enfrentem os casos ou situações da vida sem quaisquer infantilismos pueris ou pieguices mais ou menos românticas... Sejam honestos e conscientes, tendo a força e a coragem necessária para colocar os verdadeiros pontos nos «ii»...

A droga é um mal terrível, e quer moral, quer socialmente não tem, ou melhor, não deveria ter (!) justificação possível.

Mas enfim, mais do que inflizes, todos de alguma maneira, somos vítimas de uma sociedade decadente, a gangrenar... Esta é a verdade; a triste certeza dos tempos que correm!

Haja, porém, confiança no futuro! O jovem é por natureza generoso e sacrificado; tão capaz do péssimo como protagonistas das heroicidades. No fundo, lá bem no íntimo do seu coração, ainda mora bem aceso o sol radioso da esperança; a perspectiva de um mundo melhor fascina-o sobremaneira, e mesmo na ilusória satisfação de uma pastilha de LSD ou numa «fogueira cachimbada» de marijuana nada mais pretende do que a obtenção de um mundo feliz que ele próprio idealizou, e que desgrazadamente a toda a hora se lhe escapa das mãos!...

Compete-nos a nós «jovens da vanguarda» revolucionar o mundo, não a preço de sangue e armas, mas vivendo numa humanidade autêntica; liberta de preconceitos mesquinhos — firmemente decididos a provar ao mundo que ainda existe alguém capaz de ter respeito e consideração pelas mais elementares normas ético-sociais, hoje em dia tão deturpadas e esquecidas!...

## Os pais, educadores dos filhos

Os pais são os primeiros educadores dos filhos, seus educadores natos, isto é, pelo motivo de lhes transmitirem a vida. Ora a educação cristã, à qual se deve atender desde cedo, faz-se através do ensino da catequese. Daí os pais devem ser os catequistas de seus filhos.

Isto que é a expressão da verdade se diz em poucas palavras é bastante difícil de ser praticado. Aos pais custa-lhes convencer-se.

Graças a Deus que o movimento, lançado há anos em França, vai ganhando corpo entre nós.

Aqui fica o testemunho de uma mãe que o experimentou:

—«Há dois anos que dou a catequese ao meu filho segundo o novo método. Sei que muitos pais hesitam, mas penso que as descobertas feitas em comum com o meu filho durante estes dois anos me compensaram largamente o tempo que lhe consagrei. Vio meu filho desabrochar ao ritmo das lições e tomar confiança em si próprio, o que é muito importante para as crianças.

Evidentemente que é preciso perseverar na empresa. As reuniões de pais organizadas uma vez por mês também me ajudaram. Permitiram fazer o ponto a documentar-nos sobre as reacções de cada criança.

Sou mãe de dois filhos rapazes, um de 18 anos e outro de 10. Trabalho fora de casa. O mais velho fez a Comunhão aos 8 anos. Posso, portanto, comparar os dois sistemas de catequese. Acho que o actual é mais válido. Baseado na vida de cada dia permite à criança aplicá-la logo. Cria uma comunhão entre pais e filhos» — Uma mãe de família.

São cada vez mais numerosas as paróquias em que se pede aos pais que dêem eles próprios a catequese aos seus filhos. Isto aliás, só no que se refere ao primeiro ano, ou seja, crianças de 7-8 anos.

A mãe, cujo testemunho acima publicamos, está contente. Outras porém inquietam-se e dizem que não fal-

tava mais nada senão mais esta mudança; Andam sempre com coisas novas!...

Não se diz aos pais: agora dêem a catequese, desembarracem-se como puderem.

Não. O que se pretende é assegurar as crianças uma formação cristã melhor. Como?

Há muito que se sente um problema grave e evidente: as crianças mandadas à catequese pelos pais sem que estes se interessem verdadeiramente por isso.

Há uma grande separação entre o ensino de catequese e a vida de família. Nessas condições o catecismo aparecerá como «coisas de crianças» a rejeitar logo que se entre no mundo dos adultos. Não é assim que geralmente se pensa, mesmo em ambientes cristãos?

Mas é diferente se aquilo que se aprende no catecismo for verdadeiramente também para os pais! Então descobrem que são eles os primeiros responsáveis. De outro modo julgarão que isso é assunto lá do padre ou da catequista. Quando a verdade é que estes apenas os ajudam. O papel principal é sempre dos pais.

Isto tudo é muito bonito, dizia-me há pouco alguém, mas dar catequese é muito difícil! como é possível que todos os pais o façam?...

É uma utopia? Seria se os pais fossem entregues só às suas possibilidades. Mas não é o caso. Eles são ajudados de maneira muito séria. Dão-se-lhes o púsculo especialmente para eles e têm reuniões periódicas para prepararem as lições.

É claro que dar catequese ao próprio filho é um bem mais exigente do que ser a catequista a ocupar-se de tudo. Mas não há dúvida que tal método é um progresso.

São pais e filhos que caminham juntos à procura da descoberta do verdadeiro Deus vivo. A fé não se reduz a frases aprendidas de cor para o exame de catequese; mistura-se na vida de cada dia e enche-a da sua luz.

Estamos de acordo?

**EM BRAGA**

**PREFIRA**

**RESTAURANTE AVENIDA**

**DE**

**Eugénia Ferreira de Oliveira Machado**

**e**

**Manuel Gomes Machado**

**Almoços, Jantares, Serviço de Casamento**

**e à Lista**

**Avenida Central, 131 — Telefone 24357 — Braga**

*Visado pela C. de Censura*

**«A FUNERÁRIA»**

**— DE —**

**Augusto do Sacramento Costa**

**Rua de Além — Telef. - 62227**

**Feira Nova — Amares**